

APROXIMAÇÕES ENTRE O CAMPO TEÓRICO DA COMUNICAÇÃO E A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Jovelina Maria Oliveira dos REIS³⁹
Rosinete de Jesus Silva FERREIRA⁴⁰

Resumo: A Teoria das Representações Sociais e as contribuições do campo teórico da Comunicação para a estruturação da teoria geral e do desenvolvimento das abordagens complementares à teoria, especificamente da Abordagem Societal.

Palavras-chave: Teoria das Representações Sociais. Moscovici. Comunicação. Abordagem Societal.

Abstract: the appearance of the Theory of the Social Representations and the contributions of the theoretical field of the Communication for the structuring of the general theory and of the development of the complementary approaches to the theory

Keywords: Social Representation Theory. Moscovici. Communication. Societal approach.

1. Apresentação

Este trabalho foi, originalmente, resultado do esforço das autoras no sentido da produção de um esboço do tema proposto para apresentação, na modalidade de comunicação oral, na IV Conferência Brasileira de Representações Sociais⁴¹ realizada no Rio de Janeiro, no período de 2 a 4 de setembro de 2009. O evento buscou discutir a existência de uma Escola Brasileira de Representações Sociais, dada a expansão da Teoria das Representações Sociais em diversos centros acadêmicos no Brasil, onde é crescente o

³⁹ Professora Assistente do Departamento de Comunicação Social/UFMA; Doutoranda em Psicologia Social pelo Programa de Doutorado Interinstitucional – DINTER – UFMA/UERJ. E-mail: jovelina.reis@hotmail.com

⁴⁰ Professora Assistente do Departamento de Comunicação Social/ UFMA; Doutoranda em Psicologia Social pelo Programa de Doutorado Interinstitucional – DINTER – UFMA/UERJ. E-mail: roseferreira@uol.com.br

⁴¹ REIS, Jovelina; FERREIRA, Rose. O campo da comunicação e sua aproximação com a abordagem da Escola de Genebra em representações sociais. In: **Anais da IV Conferência Brasileira sobre representações sociais**. Rio de Janeiro: Set 2009 p. 175.

interesse de estudiosos e pesquisadores pela teoria. O nosso propósito é o de ressaltar a contribuição da comunicação, enquanto campo de saber científico, para o surgimento e desenvolvimento da teoria das representações sociais (TRS) e, de modo mais expressivo, para a estruturação de uma das teorias complementares à teoria geral, a abordagem da Escola de Genebra, mais recentemente denominada por alguns estudiosos do tema, abordagem societal.

2. Gênese da Teoria das Representações Sociais

A teoria das representações sociais tem início com Serge Moscovici ao publicar, na França, em 1961, o texto final de sua tese de doutorado sob o título *La Psychanalyse, son image et son public*. A proposta de Moscovici foi a de pensar o campo da psicologia a partir de proposições que levassem em conta as interações sociais vivenciadas no cotidiano na sociedade, numa perspectiva psicossocial que possibilitasse compreender a imbricação que envolve a diferença e a complementaridade constitutivas tanto dos saberes do universo consensual - próprios do senso comum, ordinário -, quanto dos saberes do universo reificado - das ciências -, a partir dos mecanismos mentais utilizados nessas elaborações. Para a construção da teoria das representações sociais Moscovici fez convergir diferentes bases científicas como a cibernética, a teoria da informação e da comunicação, as ciências da linguagem, a fenomenologia e a sociologia para formar, com a psicologia social, o arcabouço teórico do seu estudo. Os teóricos que mais contribuíram para os estudos de Moscovici na elaboração da nova teoria foram Merleau-Ponty, Vygotsky, Bartlett, Gabriel Tarde, Freud e, principalmente, Durkheim, Lévi-Bruhl e Piaget.

Celso Sá, um dos pioneiros dos estudos das representações sociais no Brasil, comentando o objetivo de Moscovici de estabelecer uma psicossociologia do conhecimento tendo como ponto de partida a sociologia de Durkheim (que postulava a noção de representações coletivas) em diálogo com outras ciências sociais, afirma que:

[...] se Moscovici foi buscar na sociologia durkheimiana um primeiro abrigo conceitual para suas objeções ao excessivo individualismo da psicologia social americana, isso não era suficiente ou adequado para os seus propósitos de renovação da disciplina [...]. O desafio maior implicando tal renovação consistia em situar efetivamente a psicologia social na encruzilhada entre a psicologia e as ciências sociais, em ocupar de fato esse território limítrofe, onde se desenvolvem fenômenos cuja dupla natureza – psicológica e social – tem sido reiteradamente admitida, e que, por isso mesmo, já lhe pertenceria de direito (SÁ, 1993, p.23-24).

3. A metodologia empregada no estudo inicial

Enquanto a primeira parte de *La Psychanalyse, son image et son public* trata das bases teóricas que deram sustentação à TRS, a segunda divisão da obra de Moscovici é dedicada, especialmente, ao estudo da comunicação, onde é possível verificar o peso da contribuição deste campo para a fundamentação da nova teoria. Trata-se de uma pesquisa empírica em nível da produção, circulação e consumo de jornais franceses de três circuitos distintos: a imprensa cotidiana, a imprensa religiosa e a imprensa comunista, para verificação da representação da psicanálise nos públicos dessas três categorias de jornais. Moscovici queria saber quem falava ou em quais publicações apareciam artigos ou expressões sobre a psicanálise.

A partir da análise morfológica e de conteúdo de jornais e revistas francesas para levantamento da representação mental que o público leitor formara sobre a psicanálise, Moscovici queria compreender o processo de transformação do conhecimento científico em conhecimento comum ou espontâneo, processo que levava o conhecimento comum a adquirir “as qualidades de credo real” (MOSCOVICI, 2009, p.310). Para responder ao seu questionamento, empreendeu a pesquisa sobre a representação da psicanálise na França, a partir do que se divulgava na imprensa francesa sobre a teoria psicanalítica.

Moscovici reuniu uma expressiva amostra de diferentes publicações para realização da pesquisa: 654 jornais de circulação diária dentre os quais *France-Soir*, *Paris Press* e *L’Humanité*; 322 revistas mensais incluindo *Ecclesia*, *La Table ronde*, *Les Temps modernes* e outras; 425 jornais de periodicidade semanal como *Les Lettres françaises*, *France-Observateur*, *Les Nouvelles littéraires* etc. (MOSCOVICI, 1961, p. 297). Para perceber o entendimento do público “atento aos textos de inspiração psicanalítica”, Moscovici classificou os jornais e revistas que compunham sua amostragem pelo critério de tiragem⁴², mas levou em conta o peso desses jornais e revistas junto ao público leitor. Uma das primeiras conclusões a que chegou foi a de que tiragem e peso de um jornal necessariamente não são coincidentes e ele cita o exemplo do jornal *L’Humanité* que,

⁴² Moscovici estabeleceu o seguinte critério de classificação dos jornais analisados em relação ao número de exemplares em circulação: menos de 200 mil exemplares, baixa tiragem; de 200 a 400 mil exemplares, média tiragem e acima de 400 mil exemplares, grande tiragem.

embora estando entre os jornais de média tiragem, a sua importância política na imprensa comunista era relativamente grande. Na sequência, Moscovici afirmava ser impossível estimar o peso de um jornal (ou revista) a não ser comparando a opinião de diversas pessoas. E tal *peso* estava relacionado à orientação política do jornal: se comunista, de esquerda, de centro, de direita ou apolítica; no caso da imprensa religiosa, se a orientação era católica, protestante ou *indeterminada* (MOSCOVICI, 1961, p. 298).

Como se vê, a metodologia utilizada foi a de análise comparada dos conteúdos das publicações. O trabalho de Moscovici recebeu, certamente, a influência da então recém criada metodologia do jornalista parisiense Jacques Kayser (1900-1963) aplicada ao estudo comparado de conteúdos de jornais, em seu trabalho inaugural “*Étude comparée de 17 grands quotidiens pendant 7 jours*”⁴³, em Paris, no ano de 1953. A metodologia de Kayser acabou tornando-se uma febre nas escolas de jornalismo do mundo até meados dos anos 1980⁴⁴.

Sobre a metodologia de Kayser, José Marques de Melo (1978) ressalta a dedicação do jornalista e professor francês ao estudo da morfologia e do conteúdo de jornais e da realização de pesquisas sob o patrocínio da UNESCO (1978, p.89). Segundo Marques de Melo, Kayser “desenvolveu seus experimentos com a finalidade de criar uma metodologia específica para a *nova ciência da imprensa*”, cuja importância histórica da pesquisa em Comunicação consistiu em permitir “a elaboração de um conjunto de teorias sobre o processo da comunicação, conduzindo ao aparecimento de um novo ramo dentro das ciências humanas – as Ciências da Informação” (MARQUES DE MELO, 1978, p.89).

No momento inicial do seu estudo, Moscovici analisou os conteúdos dos jornais a partir do que ele denominou sistemas de comunicação: a difusão, a propagação e a propaganda, nos quais ele percebia a força persuasiva da imprensa para a formação das opiniões. Afinal, como afirma Bourdieu, citado por Doise (1989, p. 82),

On n’achète pas un journal mais un principe générateur de prises de position défini par une certaine *position* distinctive dans un champ de principes générateurs institutionnalisés de prises de positions: et l’on peut poser qu’un lecteur se sentira d’autant plus complètement et adéquatement exprimé que l’homologie sera plus

⁴³ Estudo comparado de 17 grandes jornais durante 7 dias” (traduzido pelas autoras).

⁴⁴ No Brasil, o professor José Marques de Melo está entre os que mais contribuíram para a divulgação da metodologia largamente empregada, principalmente, nas atividades práticas da disciplina Jornalismo Comparado.

parfaite entre la position de son journal dans le champ des organes de presse et la position qu'il occupe lui-même dans le champ des classe (ou de fractions de classe), fondement du principe générateurs des opinions⁴⁵ (BOURDIEU, apud DOISE, 1989, p. 82 – grifo do autor).

O processo de difusão da teoria psicanalítica pela imprensa cotidiana francesa era resultado do trabalho jornalístico de apuração da informação nas fontes especializadas - as “vozes autorizadas” – constituídas pelos profissionais da psicanálise. A tarefa dos jornalistas era a de levar ao público a informação sobre um campo teórico que, naquele momento, de alguma forma, consistia no crescente interesse e discussão nos círculos acadêmico, científico e cultural. A propagação, nos estudos de Moscovici, aparece ligada aos modos como a imprensa religiosa negociava os valores e a ideologia da igreja, em comparação aos da teoria psicanalítica. Assim, se a psicanálise valorizava questões como o divórcio e a liberdade sexual, valores esses não tolerados pela ortodoxia, a imprensa religiosa, em contraposição a esses valores, e pelo processo de assimilação do conceito da própria psicanálise, reforçava e propagava os valores da igreja, enfatizando a integralidade do indivíduo e incentivando seu retorno à espiritualidade. A imprensa comunista, por seu turno, percebia a psicanálise como veículo da propaganda americana e utilizava, em contrapartida, os jornais do partido para reforçar tanto os princípios políticos quanto a ideologia do comunismo. A imprensa religiosa e a imprensa comunista travaram luta cultural de resistência à psicanálise e, nesse processo, era construída uma representação que Moscovici denominou de inócua e bastante diferente (MOSCOVICI, 2009, p.373).

Se, por um lado, o processo de difusão permitiu a elaboração de um conhecimento em nível do senso comum sobre a psicanálise, a propagação e a propaganda, por outro, levaram o segmento religioso e comunista à tomada de posição dentro de seus respectivos campos por meio da utilização de mecanismos de resistência e ideológicos, para reforço de seus próprios princípios.

⁴⁵ Não se compra um jornal, mas um princípio gerador de tomada de posição definido por certa *posição* distinta em um campo de princípios geradores institucionalizados de tomada de posição: pode-se pensar que um leitor se sentirá tanto mais completa e adequadamente representado, quanto mais semelhante e perfeita for a posição de seu jornal no campo dos órgãos de imprensa, e a posição que ele mesmo ocupa no campo dessas classes (ou segmentos de classes) que é a base do princípio gerador (BOURDIEU, apud DOISE, 1982, p.82 – traduzido pelas autoras).

Em texto introdutório à obra de Moscovici (2009) onde ressalta “o poder das ideias”, Gerard Duveen reconhece o papel central da comunicação na geração de novas possibilidades para a circulação de ideias e de “grupos sociais mais amplos para o processo de produção psicossocial do conhecimento” (2009, p.17). A partir dessas percepções Duveen esclarece o modo como Moscovici analisou as diferentes formas de representação da psicanálise nos meios de comunicação ao mostrar como as categorias propagação, propaganda e difusão “foram do modo como foram porque os diferentes grupos sociais representam a psicanálise de diferentes modos e procuram estruturar diferentes tipos de comunicação sobre esse objeto, através dessas diferentes formas” (DUVEEN, 2009, p.17-18).

Na sequência, Duveen (p.18) afirma que “cada uma dessas formas procura estender sua influência na construção duma representação específica e cada uma delas também reivindica sua próprias legitimação para a representação que ela promove”.

Ao referir-se ao papel da comunicação nas representações sociais, Denise Jodelet afirma que os sistemas de comunicação midiáticos intervêm sobre a opinião, a atitude e os estereótipos que, na acepção da autora, constituem as dimensões das representações relacionadas à edificação da conduta: “estes, segundo pesquisas dos efeitos sobre sua audiência, têm propriedades estruturais diferentes, correspondentes à difusão, à propagação e à propaganda. A difusão é relacionada com a formação das opiniões, a propagação com a formação das atitudes e a propaganda com a dos estereótipos” (JODELET, 2001, p.30).

4. O diferencial na teoria das representações sociais

Surgida a partir de ampla convergência teórica, a teoria das representações sociais traz como diferencial de sua construção, três principais contribuições: (1) a reabilitação do conhecimento do senso comum, (2) as noções de universo reificado e de universo consensual e (3) as noções de ancoragem e objetivação, estas últimas como sendo os processos constitutivos das representações sociais. A questão inicial posta por Moscovici tem caráter dialético, que é ressaltado na afirmação de que assim como se pode “pensar um sistema de representações que forma um conhecimento científico”, [...] poder-se-ia “também pensar um sistema de representações que forma um conhecimento de senso comum” (MOSCOVICI, 2009, p.317). Para o autor da teoria das representações sociais o

senso comum, como gênero de conhecimento, está ao lado da ideologia e da ciência, embora se constitua, em oposição à ciência e à filosofia, como “um tipo anônimo de conhecimento”. Essa elaboração tem por base a idéia de *anomia*, caráter do que é anônimo, do que sofreu a perda do nome, tornando-se “possessão comum”, em contraposição ao que tem nome, ao que é duradouro, memorável, e de valor (idem, p.331). Ao levantar o argumento da tendência que têm os indivíduos para a classificação das coisas ou das pessoas, Moscovici justifica seu raciocínio, afirmando ser

[...] impossível classificar sem ao mesmo tempo dar nomes. Na verdade, essas são duas atividades distintas. Em nossa sociedade, nomear, colocar um nome em alguma coisa ou em alguém, possui um significado muito especial, quase solene. Ao nomear algo, nós o libertamos de um anonimato perturbador, para dotá-lo de uma genealogia e para incluí-lo em um complexo de palavras específicas, para localizá-lo, de fato, na *matriz de identidade* de nossa cultura (MOSCOVICI, 2009, p.66 – grifo do autor).

Nessa dialética as noções seguintes também se sustentam, como explica Sá (1993, p.28), visto que o universo reificado é o universo da erudição, onde são produzidos e circulam os saberes especializados, cientificamente fundamentados, a partir dos critérios de teorização, rigor lógico e metodológico. Em contraposição ao universo consensual, próprio das representações sociais, onde o conhecimento é socialmente elaborado, compartilhado, acessível, em uma realidade comum, a partir da lógica natural que rege o cotidiano dos indivíduos. As duas categorias - universo consensual e universo reificado -, segundo Moscovici, são, ao mesmo tempo, diferentes entre si, mas complementares: “os limites entre eles dividem a realidade coletiva, e, de fato, a realidade física, em duas. É facilmente constatável que as ciências são os meios pelos quais nós compreendemos o universo reificado, enquanto as representações sociais tratam com o universo consensual” (MOSCOVICI, 2009, p.52).

Para explicar os processos constitutivos das representações sociais - ancoragem e objetivação - Moscovici buscou o apoio na semiologia, afirmando que são “como duas faces de uma folha de papel: a face icônica e a face simbólica” (MOSCOVICI, 2009, p.46). O movimento de cada processo consiste em tornar o não-familiar em familiar e o que é familiar, em não-familiar. A *ancoragem*, que é da ordem do pensamento conceptual, opera no sentido de “ancorar”, de “enraizar” os objetos e os conhecimentos, interpretando-os num contexto inteligível e de classificação junto aos conhecimentos anteriormente já

decodificados no repertório e na dinâmica mental do indivíduo, colocando o que é estranho em um contexto de familiaridade; enquanto a *objetivação* é processada pela ação do pensamento ao “materializar” uma idéia, ou uma noção abstrata através de um ícone por meio do mecanismo mental que opera no sentido de “transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico” (MOSCOVICI, 2009, p.61).

As três principais construções da teoria das representações sociais – senso comum; universos reificado e consensual; processos de ancoragem e objetivação – são constitutivas da própria natureza das representações sociais e sua estrutura mantém a relação com a comunicação:

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (MOSCOVICI, 2009, p.41).

Assim, de acordo com Moscovici, a comunicação permite, por meio dos processos de circulação da informação, a transformação do conhecimento num movimento que vai tanto da ciência na direção do senso comum, quanto deste em direção à ciência e a outras formas de conhecimento.

5. Identidade, estruturas intersubjetivas e práticas comunicativas

Para chegar a essas elaborações, Moscovici fundamentou-se, preliminarmente, na Teoria da Informação⁴⁶, conhecida como modelo de Shannon e Weaver, a qual esquematiza o processo mecânico da comunicação de modo linear, presente tanto na relação entre máquina-máquina, nas telecomunicações, e ou mesmo entre indivíduos, sem que se configure, necessariamente, um modelo de interação humana. A teoria da informação constitui-se a partir dos elementos: **Fonte/ de informação/Transmissor/Canal/ Receptor/Destinatário.**

⁴⁶ A Teoria da Informação ou Teoria Matemática da Comunicação foi elaborada, no final da década de 1940 pelos engenheiros matemáticos C. Shannon e W. Weaver para demonstrar o processo comunicativo numa perspectiva técnica, relacionando à noção de informação, conceitos de entropia, código, ruído e redundância. A Teoria da Informação descreve a comunicação como sistema de transmissão de mensagens por meios mecânicos com o objetivo de “medir a quantidade de informação passível de se transmitir por um canal evitando-se as distorções que podem ocorrer neste processo” (ARAÚJO, 2001, p.122).

O autor da teoria das representações sociais afirma textualmente: “tanto a teoria da informação quanto a teoria da comunicação me aproximaram da idéia de representação (MOSCOVICI, 2009, p.315). E mais: “para mim, comunicação é parte do estudo das representações, porque as representações são geradas nesse processo de comunicação e depois, claro, são expressas através da linguagem” (p.373).

As aproximações entre os campos teóricos da comunicação e das representações sociais ficam tanto mais evidentes quando se analisa a comunicação interpessoal. Nessa modalidade, os interlocutores, através de seus respectivos repertórios de experiências, conhecimentos, crenças, valores, atitudes e signos percebem não apenas a realidade objetiva, mas a si próprios por meio de suas habilidades comunicativas que os tornam capazes de interpretar significados e de atribuir intencionalidade ao conteúdo de suas mensagens manifestadas através da linguagem. Nos estudos teóricos da comunicação é habitual dizer-se que a comunicação humana acontece porque há uma “relação de consciências” (MARTINO, 2001, p.23), fenômeno que Moscovici chama de “transfertilização de conjecturas, interesses e intenções” (2009, p.314).

Sandra Jovchelovitch (2008) afirma que as dimensões da representação se constituem nos termos “*quem, como, por que, o que e para que*”, os quais remetem para as relações Eu-Outro-Objeto. Nesse esquema, a autora identifica “os componentes dinâmicos dos processos representacionais [...] e categorias psicossociais centrais: identidade e estruturas intersubjetivas; comunicação e práticas; atribuição, justificativas e funções” (JOVCHELOVITCH, 2008, p.174). Nos estudos introdutórios da teoria da comunicação, pode-se reconhecer este mesmo esquema no que Lasswell, em 1948, apresentava como sendo o “modelo descritivo da comunicação” (PFROM NETO, 1972, p.55): *quem, diz o quê, em que canal, para quem, com que efeito?* Nos estudos de Jornalismo, eis a mesma estrutura, com as devidas adaptações, direcionando e fundamentando os elementos da notícia: 3Q-CO-PQ – *quem, que, quando; como, onde; porque.*

Parece evidente que há uma equivalência nas percepções teóricas e nos enunciados, de modo que arriscamo-nos a inferir sobre a impossibilidade de pensar as representações sociais (e por que não a psicologia?) sem os fundamentos da comunicação.

6. Desdobramentos e avanços da teoria das representações sociais

A primeira edição, em 1961, da obra de Moscovici causou polêmica e foi alvo de muita crítica no meio acadêmico. A obra recebeu protestos, e, como consequência, “a perspectiva moscoviciana permaneceu encerrada no Laboratório de Psicologia Social da *École de Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, e nos laboratórios de colegas como Claude Flament, Jean Claude Abric, no sul da França, e outros igualmente interessados por ela, de forma mais dispersa, na Europa” (ARRUDA, 2002, p.129). A teoria das representações sociais foi ajustada e relançada em 1976. As principais contribuições chegaram por meio dos estudos e das pesquisas de alguns colaboradores e orientandos de Moscovici. A primeira contribuição foi a de Denise Jodelet ao lançar, em 1989, em Paris, o resultado de sua pesquisa *“Loucuras e Representações Sociais”*. Jodelet foi responsável pelo desenvolvimento da teoria através da elaboração de uma definição que, na opinião de Arruda (2002), é a mais consensual entre os pesquisadores do campo. Jodelet, pois, define as representações sociais como sendo *“uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”* (JODELET, 2001, p.22).

As demais contribuições vieram sob a forma de abordagens ou de teorias complementares à teoria geral. A primeira, conhecida como Abordagem Estrutural, ou teoria do núcleo central, é resultado das elaborações e do trabalho de pesquisadores do chamado Grupo do Midi (Aix-en-Provence e Montpellier), França, entre os anos 1976 e 1989. O grupo foi, inicialmente, formado pelos pesquisadores Jean-Claude Abric, Claude Flament, Pierre Vergès, Michel-Louis Rouquette e Christian Guimelli. Juntou-se mais tarde, a eles, Pascal Moliner. Sá comenta que a proposição teórica dessa abordagem estrutural “é que a representação social, conquanto uma entidade unitária, se organiza em dois sistemas, um central e um periférico, com funções e características distintas, mas complementares”, onde

O sistema (ou núcleo) central, constituído por alguns elementos cognitivos, é ligado à memória coletiva e à história do grupo que formou a representação, apresenta-se como consensual, coerente, estável, resistente à mudança e pouco sensível ao contexto social imediato, cumprindo as funções de gerar o sentido básico da representação e de organizá-la como um todo. O sistema periférico, por seu turno, é constituído por todos os demais elementos da representação e caracteriza-se por integrar as experiências e as histórias individuais, suportar a heterogeneidade e as contradições do grupo, sendo ainda capaz de mudar mais facilmente em resposta às transformações do contexto social imediato (SÁ, 2007, p.595).

Citando Flament, Sá (2007, p.595) informa que a justificativa dos pesquisadores do Midi para a abordagem estrutural é a de “tornar a teoria das representações sociais mais heurística para a prática social e a pesquisa”.

7. Um destaque à abordagem societal das representações sociais

Em 1990 foi a vez do psicólogo e também colaborador de Moscovici, o suíço Willem Doise, contribuir com a teoria das representações sociais. Doise desenvolveu nova abordagem complementar, de base sociológica, sob a perspectiva teórica de Pierre Bourdieu, e que, em função dessa base, é atualmente denominada *abordagem societal*, em substituição à denominação anterior de abordagem da Escola de Genebra. Doise não considera fácil a tarefa de reunir numa definição comum, as perspectivas de todos os autores que utilizam a noção de representação social. Ele demonstra essa dificuldade de harmonia conceitual através da idéia de um *carrefour*, palavra francesa que pode ser traduzida por “encruzilhada”.

O *carrefour* ilustra, segundo Doise, a densidade da noção de representação social, assim como a multiplicidade de vias, com ausência de coordenadas comuns, além da polissemia presente nos diferentes fenômenos e processos constitutivos das representações (DOISE, 1986, p.82-83). Doise é crítico ao observar que teóricos encontram-se muitas vezes no mesmo *carrefour* e não se percebem, até quando têm em comum o mesmo objeto de estudo⁴⁷. A visão do autor sobre representações sociais agrega, além da perspectiva sociológica, a comunicacional.

A abordagem societal das representações sociais proposta por Doise é formulada no seguinte enunciado: “*les représentations sociales sont des principes générateurs de prises de positions liées à des insertions spécifiques dans un ensemble de rapports sociaux intervenant*

⁴⁷ *Le carrefour auquel se trouve la notion de représentation sociale est particulièrement dense, les voies qui y se débouchent sont multiples et Il n’y a aucune carte qui donne les coordonnées communes. En effect, psychanalystes, cliniciens, psychologues, psychosociologues, sociologues, historiciens peuvent converger vers ce carrefour tout en croyant se déplacer dans des espaces différents de sorte qu’ils ne devraient jamais se rencontrer* (Doise, W., 1986, p.82). A encruzilhada onde se encontra a noção de representação social é particularmente densa e as vias que para ela convergem são múltiplas, não havendo nenhum mapa que dê as coordenadas comuns. Realmente, psicanalistas, clínicos, psicólogos, psicólogos sociais, historiadores podem convergir na direção dessa encruzilhada, acreditando que estão a se deslocar em diferentes espaços, de modo a jamais se encontrarem. (traduzido pelas autoras).

*dans ces rapports*⁴⁸. Na concepção do psicólogo suíço, a comunicação tem a função reguladora das relações entre os atores sociais, que são os indivíduos em suas variadas identidades, nos diversos campos e classes onde são atores ou agentes sociais. A questão posta por Doise, portanto, é a de saber *quais regulações sociais atualizam quais funções cognitivas e em quais contextos*. Ele argumenta, citando questionamentos levantados por Moscovici:

Tendo em vista que as representações sociais se elaboram por meio das (e nas) relações de comunicação, seu estudo necessita sempre do esclarecimento dos seguintes problemas: quais são os processos psicológicos que intervêm nesses fenômenos? Em que condições objetivas se produzem fenômenos de comunicação e quais são os elementos de sua constância e de sua transformação? Como os processos psicológicos estão ligados a essas condições? (DOISE, 2001, p.193).

Estando assentada na perspectiva de Bourdieu, a abordagem societal apropria-se, portanto, das noções de *campo*, esse lugar simbólico onde os agentes sociais estabelecem relações e negociam com outros agentes seus saberes e experiências, onde se travam as disputas de poder e onde circula o capital social; onde realidades são construídas e se estruturam universos de pertencimento e de hierarquias. Ao desenvolver a abordagem societal das representações sociais, Doise valorizou as noções de dispositivo e de *habitus* como mecanismos de interiorização das condições objetivas e enraizamento dos sistemas de valores, crenças e ideologias necessários à articulação dos processos comunicacionais de natureza intraindividual, interindividual, social e societal. Ele argumenta que as representações sociais são sempre tomadas de posição simbólicas, organizadas de maneiras diferentes [...]. De um modo geral, pode-se dizer que, em um conjunto de relações sociais, princípios ou esquemas organizam as tomadas de posição simbólicas ligadas a inserções específicas nessas relações [...]. Trata-se de princípios relacionais que estruturam as relações simbólicas ente indivíduos ou grupos, constituindo ao mesmo tempo um campo de troca simbólica e uma representação desse campo (DOISE, 2001, p. 193).

⁴⁸ As representações sociais são princípios geradores de tomada de posição ligados a inserções específicas dentro de um conjunto de relações sociais, organizando processos simbólicos que intervêm nessas relações (Doise, 1986, p.85 – traduzido pelas autoras).

8. Considerações finais

Desde Moscovici, há cinco décadas, a teoria das representações sociais tem realizado significativos avanços no sentido de consolidar-se como psicossociologia do conhecimento. Suas teorias complementares ou abordagens foram imprescindíveis para a afirmação de uma (nascente) teoria geral que buscava explicar os processos de criação de representações por meio da comunicação valorizando, ao mesmo tempo, o conhecimento do senso comum e os saberes próprios do universo reificado por meio do pensamento conceptual e da materialização das noções abstratas que atribuem sentido à realidade social. De base sociológica, semiológica, antropológica, psicológica e, fundamentalmente, comunicacional, a teoria das representações sociais abarca o universo ontológico onde prevalecem as subjetividades e as realizações simbólicas por meio das habilidades comunicativas e da linguagem.

Se é possível sintetizar nosso argumento de modo a realizar o propósito anunciado que foi o de ressaltar a aproximação entre o campo teórico da comunicação e a teoria das representações sociais, então concluímos, concordando com Berger e Luckmann (2008), que é na comunicação onde se fundamentam e para onde convergem os mecanismos psicossociais e os significados subjetivos a partir dos quais a facticidade objetiva na realidade social é construída. E comunicação, aqui entendida não é apenas a que explica o processo das interações interpessoais, mas também as comunicações midiáticas em suas diversas estruturas, modalidades, institucionalização e rotinas, supondo-se que não há ação comunicativa sem *efeitos cognitivos*. Saperas (1987) vai nesta direção quando considera que os efeitos sobre as formas do conhecimento cotidiano, próprio dos saberes publicamente partilhados, condicionam “o modo como os indivíduos percebem e organizam o seu meio mais imediato, seu conhecimento sobre o mundo e a orientação da sua atenção para determinados temas, assim como a sua capacidade de discriminação relativa aos conteúdos da comunicação de massas” (p.21).

O que é isto, senão o que dizem os autores da teoria das representações sociais?

Referências

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO Luiz C; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.119-130.

- ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p.127-147. Nov. 2002.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 28.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- DOISE, Willem. Les représentations sociales: définition d'un concept. In: DOISE,W; PALMONARI, A. (Orgs.). **L'étude de représentations sociales**. Paris: Delachaux/Niestlé, 1986, p.81-95.
- DOISE, Willem. Atitudes e representações sociais. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p.187-200.
- DUVEEN, Gerard. O poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.7-28.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denize (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p.17-44.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MARQUES DE MELO, José. **Comunicação social: teoria e pesquisa**. 6.ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 1978.
- MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO Luiz C; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MOSCOVICI, Serge. **La Psychanalyse, son image et son public** Paris: Presses Univesitaires de France, 1961.
- MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: _____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.29-109.
- MOSCOVICI, Serge. Idéias e seu desenvolvimento – Um diálogo entre Serge Moscovici e Ilana Marková. In: _____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.305-387.
- PFROM NETO, Samuel. **Comunicação de massa**. São Paulo: Pioneira/USP, 1972.
- REIS, Jovelina; FERREIRA, Rose. O campo da comunicação e sua aproximação com a abordagem da Escola de Genebra em representações sociais. In: **Anais da IV Conferência Brasileira sobre representações sociais**. Rio de Janeiro: set 2009, p. 175.
- SÁ, Celso Pereira. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane (org.). **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SÁ, Celso Pereira. As representações sociais na história recente e na atualidade da psicologia social. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Orgs). **História da psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007, p.587-599 (Ensino da psicologia, 3).

SAPERAS, Enric. **Os efeitos cognitivos da comunicação de massa**. Porto: Asa, 1987.